

São feitas capturas no solo e na copa da mata. Os vetores capturados são congelados diretamente em N² líquido, para posterior identificação e isolamento de vírus.

No caso de epizootias, é feita necropsia dos Primatas Não Humanos e coleta do material para investigação histopatológica e de isolamento viral.

A sorologia e a tentativa de isolamento viral em Primatas Não Humanos se dão através de técnicas de captura e coleta de sangue em exemplares vivos.

A tentativa de isolamento viral, a detecção de anticorpos e o exame histopatológico são realizados no Instituto Evandro Chagas (IEC), Ministério da Saúde, situado em Belém do Pará, referência para Febre Amarela.

2.1.1 PREPARAÇÃO DA EQUIPE

- Capacitação dos técnicos em captura e manejo de Primatas Não Humanos e captura de vetores, por meio de aulas expositivas, palestras e aulas práticas a campo.

- Licenciamento para captura: o processo de licenciamento partiu da elaboração do projeto de monitoramento sorológico nas populações de primatas no Estado. Seguiu-se a análise do currículo dos responsáveis para captura e coleta de material (sangue) em Primatas Não Humanos vivos e para coleta de material e transporte de exemplares mortos, por parte do órgão responsável, que no caso é o IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis).

- Estabelecimento de contato com órgãos municipais, estaduais e federais, buscando parcerias na realização das atividades de campo.

- Utilização de EPIs na coleta, manuseio e transporte de material biológico.

- Vacinação preventiva contra a febre amarela, raiva e tétano para o pessoal envolvido no trabalho de campo.

2.1.2 PROCEDIMENTOS DE CAPTURA E MANEJO DE PRIMATAS NÃO HUMANOS

O planejamento prévio para as capturas de primatas se estendeu por seis meses, contemplando a fase de aquisição dos materiais, contatos com autoridades, aperfeiçoamento técnico dos responsáveis pelo projeto, obtenção de licenciamento para captura e outras medidas necessárias.

Os Primatas Não Humanos são capturados com o uso de rifle projetor de dardos anestésicos Dist Inject®, mod. 70.



Fig. 3 - Rifle projetor de dardos, Dist Inject®, mod. 70.

Os procedimentos após a captura são:

- toda a equipe utilizando luvas e máscara facial;
- transporte do animal com os braços para trás intercruzados e pernas esticadas;
- evitar ruídos para não despertar o animal;
- colocação em uma superfície plana, sempre seguro por integrantes da equipe;



Fig. 4 – Animal sedado e imobilizado, para início dos procedimentos

- vendar os olhos do animal para não ter estímulos visuais, cobrindo boca e narinas;
- avaliação do estado geral do animal, monitoramento das funções vitais;
- coleta de sangue na veia femoral;
- coleta de pêlo e fezes;
- biometria;
- colocação intraderme de microchip entre as escápulas;

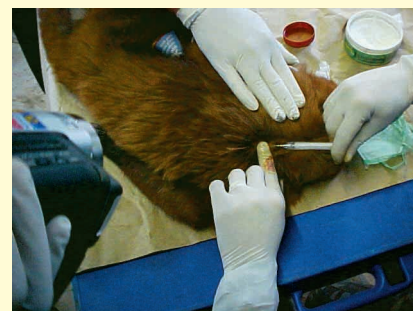


Fig. 5 – Colocação de microchip, para marcação do indivíduo capturado

- aplicação de ungüento nas partes feridas.

As informações resultantes do trabalho de captura são todas registradas numa ficha de captura. Após o término dos procedimentos, o animal é conduzido até as proximidades do local da captura, onde se deve aguardar a sua plena recuperação. Animais encontrados mortos, submetidos à necrópsia devem gerar uma ficha de informação de epizootia, a ser enviada para a Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde.

Todo o material biológico resultante das capturas é processado e acondicionado em tubos criogênicos, congelados em N² líquido e enviado ao IEC para sorologia (soro) e isolamento viral (sangue total).

2.2 VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA

- A vigilância epidemiológica se estruturou através das capacitações das regionais na notificação e investigação dos casos humanos suspeitos na área de risco para Febre Amarela.